

Autor: Flávio Martins

21

## A carne

- A carne acabou!
  - Mas eu quero! – é o que Carlinhos, nos seus seis anos de idade, exige durante o almoço.
  - Menino, em casa de pobre tem carne todo dia não. Carne é coisa chique, custa dinheiro.
  - Mãe, a carne é feita de quê?
  - Carne vem de bicho. Vem de boi, galinha, porco, esses bichos todos. Todos os bichos são feitos de carne.
  - Até o Veloso, mãe? – pergunta o menino sobre o cachorro da casa.
  - Até o Veloso, Carlinhos. Até a gente é feita de carne.
- O menino fica pensando por alguns instantes e em seguida, triste, come arroz com tomate.

\*\*\*

Carlinhos vai pra escola ainda pensando na carne que não comeu. Talvez coma carne na escola.

- Vem a merenda e, nada!
- Fessora? Tem carne hoje não?
  - Não, Carlinhos. A merenda hoje é rica em vitaminas pra você ficar forte.
  - Faz vitamina de carne, tia?
  - Não, Carlinhos. A vitamina que estou falando é de outro tipo. Na cenourinha tem, no feijão tem, até na carne tem.
  - Tia, quero merendar mais não.

\*\*\*

Carlinhos volta da escola e sonha com um pedacinho de carne, prato cheio de carne, comer muita carne.

- Carlinhos, vai tomar banho que a janta tá quase pronta!
- Oba! Talvez tenha carne, pensa o menino pelado dentro do banheiro.

continua...

Autor: Flávio Martins

22

- Mãe, cadê a carne? Só tem angu no meu prato?
- Menino, é o que tem pra comer. Carne só no fim do mês. E para com essa perguntação que não aguento mais.
- Mãe, o Lucas falou que na casa dele tem carne todo dia. No meu aniversário vou poder comer muita carne?
- Ai, menino. Que coisa. O pai do Lucas tem um açougue. Carne é bom mas é cara. Se pelo menos o filho da mãe do seu pai me ajudasse. Vou fritar um ovo e você come.
- Mãe, ovo é feito de carne?

\* \* \*

Chega o fim do mês e após pagar todas as contas Joana vê que o dinheiro novamente não vai dar pra comprar carne.

No domingo, a mãe serve macarrão no jantar. Carlinhos pergunta, esperançoso:

- Mãe, cadê a carne? Não quero comer macarrão mais não. Cê falou que ia comprar carne, né, mãe?
- Carlinhos, deixa a mamãe te contar uma coisinha. O dinheiro da mamãe acabou e não deu pra comprar carne. Mal deu pra comprar o macarrão. Até o Veloso tá sem comida.
- Mãe, o Veloso é bicho?
- Sim, Carlinhos. Cachorro é bicho.
- O Veloso é bicho igual vaca e porco?
- Sim, é, Carlinhos.
- O Veloso é bonzinho né, mãe?
- É, Carlinhos, o Veloso é bicho igual vaca, porco e é bonzinho, mas dá pra você comer sem conversar?
- Eu gosto do Veloso e de carne, mãe. Não gosto de macarrão.
- Carlinhos, come esse macarrão logo que quero ver a novela em paz.
- Mãe, posso te perguntar só mais uma coisa?
- Carlinhos, é a última pergunta. Depois disso você vai pra cama.
- Mãe, amanhã na hora da comida, a gente pode comer o Veloso?

Autor: J. Estanislau Filho

23

## FRUTOS E FLORES

O pêssego falou pra rosa que a sua prosa estava mais para a graviola;  
A rosa não ligou, pois o pêssego tinha ciúmes da rosa com a carambola,  
Mas carambola gostava mesmo era da orquídea, que amava margarida.  
O tamarindo ouvia tudo em silêncio, pois estava de olho na acapociba.  
Por sua vez, a banana flertava com dama da noite e brinco-de-princesa,  
Enquanto sapoti reclamava do sapato, da lichia que ria da cravina acesa,  
Que ardia como pimenta, que dama da noite não conseguia nem olhar,  
Por isso jabuticaba, limão, fruta-pão, umbu pactuaram com maracujá  
De não mais terem olhos para buganvília, saião e trepadeira,  
Pois acreditavam que caqui e pequi tinham frenesi pela espirradeira.  
A amora argumentou que eles estavam para lá de Bagdá  
Que eles confundiam laranja, manga, com castanha do Pará,  
Pingo de mel concordou, hibisco apoiou e tudo ficou assim:  
Goiabas, maçãs, pinhas e pinhões colocaram paz no jardim.

## Lembrança

Lembro-me de que ele só usava camisa brancas. Era um velho limpo, e eu gostava dele por isso. Eu conhecia outros velhos, e eles não eram limpos. Além disso, eram chatos. Meu avô não era chato. Ele não incomodava ninguém. Nem os de casa ele incomodava. Ele quase não falava. Não pedia as coisas a ninguém. Nem uma travessa de comida na mesa ele gostava de pedir. Seus gestos eram firmes e suaves, e quando ele andava, não fazia barulho.

Ficava no quartinho dos fundos, e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa, que às vezes até se esqueciam da existência dele. De tarde costumava sair para dar uma volta. Ia só até a praça da matriz, que era perto. Estava com setenta anos e dizia que suas pernas estavam ficando fracas. Levava-me sempre com ele. Conversávamos, mas não me lembro sobre o que conversávamos. Não era sobre muita coisa. Não era muita coisa a conversa. Mas isso não tinha importância. O que gostávamos era de estar juntos.

Lembro-me de que uma vez ele apontou para o céu e disse: “Olha.” Eu olhei. Era um bando de pombos, e nós ficamos muito tempo olhando. Depois ele voltou-se para mim e sorriu. Mas não disse nada. Outra vez eu corri até o fim da praça, e lá de longe olhei para trás. Nessa hora uma faísca riscou o céu. O dia estava escuro, e uma ventania agitava as palmeiras. Ele estava sozinho no meio da praça, com os braços atrás e a cabeça branca erguida contra o céu. Então pensei que meu avô era maior que a tempestade.

Eu era pequeno, mas sabia que ele tinha vivido e sofrido muita coisa. Sabia que cedo ainda a mulher o abandonara. Sabia que ele tinha visto mais de um filho morrer. Que tinha sido pobre e depois rico e depois pobre de novo. Que durante sua vida uma porção de gente o havia traído e ofendido e logrado. Mas ele nunca falava disso. Nenhuma vez o vi falar disso. Nunca o vi queixar-se de qualquer coisa. Também nunca o vi falar mal de alguém. As pessoas diziam que era um velho muito distinto.

Nunca pude esquecer sua morte. Eu o vi, mas na hora não entendi. Eu só vi o sangue. Tinha sangue por toda parte. O lençol estava vermelho. Tinha uma poça no chão. Tinha sangue até na parede. Nunca tinha visto tanto sangue. Nunca pensara que, uma pessoa se cortando, pudesse sair tanto sangue assim. Ele estava na cama e tinha uma faca enterrada no peito. Seu rosto eu não vi. Depois soube que ele tinha cortado os pulsos e aí cortado o pescoço e então enterrado a faca. Não sei como deu tempo de ele fazer isso tudo, mas o fato é que ele fez. Tudo isso. Como, eu não sei. Nem por quê.

No dia seguinte ainda tornei a ver sua camisa perto da lavanderia, e pensei que, mesmo que ela fosse lavada milhares de vezes, nunca mais poderia ficar branca.

Foi o único dia em que não o vi limpo. Se bem que sangue não fosse sujeira. Não era. Era diferente.

Autor: J. Estanislau Filho

25

## GÊNESE DA ÁGUA

A água que sai da torneira vem da caixa d'água

A água da caixa-d'água vem da estação de tratamento d'água

Que vem da represa que vem dos rios

A água dos rios vem do fundo da terra

Que vem dos mares que vem dos lagos dos rios das nuvens do fundo da terra

Se não fosse a flora

Se não fosse a fauna

Não teríamos água

Não teríamos torneiras

Não teríamos caixas-d'água

Estação de tratamento d'água

Represas

Lagos

Rios

Não teríamos o fundo da terra

Não teríamos lágrimas

Nem flora nem fauna

Teríamos o nada.



## UM APÓLOGO

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

- Deixe-me, senhora.

- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

- Mas você é orgulhosa.

- Decerto que sou.

- Mas por quê?

- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você é imperador?

- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

continua...



Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana - para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

- Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

- Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: - Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!



## VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão - esta pantera -  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!

# Leitura para todos

O Projeto Leitura para Todos  
foi o vencedor do  
Prêmio VivaLeitura 2007,  
concedido pelos ministérios  
da Educação e da Cultura.

Aqui você vai encontrar importantes  
obras da riquíssima Literatura  
Brasileira. Agora ela está nos ônibus  
de Belo Horizonte e contamos com a  
sua ajuda para conservar este texto.

Autor: Bilá Bernardes

30

## Leituras

Escuto o silêncio  
Pássaros gorjeiam  
Carros transitam  
Ouço meu coração  
Alguém mexe na cozinha  
Ouço meus pensamentos  
Um cão late ao longe  
Ouço o meu interior  
E escrevo - me inscrevo  
E me aprendo

Se você quiser opinar sobre  
os textos e o projeto,  
entre em contato conosco:  
(31) 3586-2511  
[www.letas.ufmg.br/atelaetexto](http://www.letas.ufmg.br/atelaetexto)  
[telatexto@gmail.com](mailto:telatexto@gmail.com)

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



Realizado com os benefícios da  
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Autor: Machado de Assis

31

## Diana

Em certo dia do mês de março do ano da graça de 1863 encontravam-se na rua do Ouvidor, cidade do Rio de Janeiro, dois rapazes, ambos acompanhados de um criado carregando as respectivas malas.

- Luís!

- Alberto!

- Que é isso?

- A que horas chegas!

- Não pôde ser mais cedo. Venho do caminho de ferro neste momento. Mas tu, chegas também de Minas, ou partes para lá?

- Não chego nem vou para lá. Vou para o Rio Grande. Está a sair o vapor.

- Que volta tão repentina é essa?

- Assim é preciso.

- Isto só pelo diabo. Se eu soubesse de semelhante coisa tinha vindo mais cedo.

- De lá te escreverei. Adeus!

- Adeus!

E os dois amigos, depois de se abraçarem, separaram-se, tomando um para a hospedaria, outro para a praia dos Mineiros.

Alberto foi fazendo consigo as reflexões seguintes:

- Que diabo leva o Luís ao Rio Grande tão repentinamente? Este rapaz tem o juízo a arder...

Tempos depois Alberto recebia a seguinte carta de Porto Alegre, escrita pelo amigo Luís.

"Luís a Alberto. - Prezado amigo. - Só agora te escrevo porque só agora me é dado dispensar alguns minutos.

"Se fosses alguma destas suscetibilidades que tantas vezes encontrei dava-te outra razão, mentirosa decerto, mas suficiente para acalmar-te o espírito e consolar-te o coração.

"Mas prefiro a verdade. Eu te conheço, tu me conheces, nós nos conhecemos.

"Queres então saber que motivo me trouxe ao Rio Grande tão repentinamente? Um motivo simples: receber um legado. Tive notícia de que meu padrinho morrera e me deixara em testamento certa quantia assaz avultada para colocar-me acima das atribulações da vida.

"Que tal? É ou não uma tigela de maná que me veio do céu? Eu bem te dizia muitas vezes que tinha fé na minha estrela, e que estava certo de que não havia de ganhar fortuna pela simples posição de advogado provinciano.

"Mas já te ouço dizer contigo mesmo: Que tivesse um legado, concebe-se; mas que fosse ele próprio arrecadá-lo, isto é que eu acho esquisito.

"Respondo à tua reflexão:

"Podia dar procuração a alguém e ficar comodamente na corte à espera que lá me fosse ter às mãos a quantia legada por aquele chorado padrinho. Se não fiz isto foi por virtude de uma cláusula que o meu referido padrinho incluiu no testamento.

"Esta cláusula é a seguinte:

continua...

Autor: Machado de Assis

32

*"Este legado só será entregue ao meu afilhado Luís depois que ele tiver, por virtude dos próprios esforços, descoberto em certo lugar, situado na casa tal, em Pelotas, um segredo que lá conservo. Deves compreender que eu não podia, estando na corte, descobrir o segredo de Pelotas. Por isso embarquei apenas recebi a notícia. Muitas vezes te falei neste padrinho como o mais singular e extravagante dos padrinhos. Sobre a condição que ele punha tinha eu a curiosidade de saber qual era esta nova excentricidade do velho. E parti. Ainda não fui a Pelotas, mas tratei de indagar que casa era aquela e quem residia lá. Disseram-me que a casa era propriedade de meu padrinho e estava vazia há cinco anos. Isto aguçou a minha curiosidade. Decididamente temos um mistério neste negócio. O que sobretudo me causa ainda maior assombro é não haver na cláusula a designação em que lugar da casa se acha o segredo. Será nas salas, nas alcovas, no terreiro, no teto ou no chão? Não sei. Mas o legado vale a pena, e eu tenho forças e tenacidade para levar a obra ao cabo. Disponho-me a partir dentro de alguns dias, munido de instrumentos e acompanhado do meu guasca. De tudo o que ocorrer dar-te-ei conta. Adeus. Não sejas preguiçoso. Escreve-me".*

Alberto leu e releu esta carta. Sorriu à idéia de que Luís se achava envolvido em um mistério de romance. Ele sabia que o padrinho do advogado era um homem excêntrico, desta longa família que se ramifica por todas as raças e todos os países.

Direi em duas palavras quem eram os dois amigos.

Luís, advogado provinciano, como ele próprio diz, tinha tomado grau na faculdade de S. Paulo e tinha vindo advogar na corte. Fazia um ano que se achava aí sem ter conseguido nome nem fortuna. Alguma coisa que trouxera ia-se já gastando e o legado do padrinho veio na melhor ocasião.

Alberto, natural do Rio de Janeiro, era advogado, como ele, sem nome e sem fortuna, como ele filho da academia de S. Paulo, havendo em tanta harmonia e identidade uma única diferença: era o legado do padrinho de Luís.

A viagem a Minas feita por Alberto era por motivo de ir colher informações minuciosas para servir em processo.

O encontro de ambos já o leitor teve notícia no começo destas linhas.

## Homem classe-mídia

Mídia reflexiva, impulsiva, que cativa

Diga, não minta, não brinca, sem gíria

Teu papel, no banco dos réus, dita, apita

Não és caixa vazia, matéria fria  
Palpita

Na tua sombra, textos são feitos,  
roteiros eleitos

Quadrantes mágicos, público ávido,  
vende o teu espaço  
Onde eu me encaixo?

Fazer pensar não é o teu prato

Auto-retrato, digestão de idéias, muitas  
até sinceras

Faz-me rir se estou de férias

Aquela matéria veiculada, esparramada  
Será convite à reflexão?

Acho que não, sou mais um na multidão  
Não há outro lugar para o meu controle  
da televisão  
Minha mão

Autor: Anderson Higino

34

## Ao alimento

Venha a nós o reino da paz  
Através deste alimento  
Filho da terra e do sol  
Ungido da água  
Bendito do vento  
Aqui novamente bento  
Seja energia e nos torne rebento  
Do amor ao pensamento  
De um mundo mais irmão  
Em cada chão, todo momento.

## O Dicionário

Era uma vez um tanoeiro, demagogo, chamado Bernardino, o qual em cosmografia professava a opinião de que este mundo é um imenso tonel de marmelada, e em política pedia o trono para a multidão. Com o fim de a pôr ali, pegou de um pau, concitou os ânimos e deitou abaixo o rei; mas, entrando no paço, vencedor e aclamado, viu que o trono só dava para uma pessoa, e cortou a dificuldade sentando-se em cima.

- Em mim, bradou ele, podeis ver a multidão coroada. Eu sou vós, vós sois eu.

O primeiro ato do novo rei foi abolir a tanoaria, indenizando os tanoeiros, prestes a derrubá-lo, com o título de Magníficos. O segundo foi declarar que, para maior lustre da pessoa e do cargo, passava a chamar-se, em vez de Bernardino, Bernardão. Particularmente encomendou uma genealogia a um grande doutor dessas matérias, que em pouco mais de uma hora o entroncou a um tal ou qual general romano do século IV, Bernardus Tanoarius; - nome que deu lugar à controvérsia, que ainda dura, querendo uns que o rei Bernardão tivesse sido tanoeiro, e outros que isto não passe de uma confusão deplorável com o nome do fundador da família. Já vimos que esta segunda opinião é a única verdadeira.

Como era calvo desde verdes anos, decretou Bernardão que todos os seus súbditos fossem igualmente calvos, ou por natureza ou por navalha, e fundou esse ato em uma razão de ordem política, a saber, que a unidade moral do Estado pedia a conformidade exterior das cabeças. Outro ato em que revelou igual sabedoria, foi o que ordenou que todos os sapatos do pé esquerdo tivessem um pequeno talho no lugar correspondente ao dedo mínimo, dando assim aos seus súbditos o ensejo de se parecerem com ele, que padecia de um calo. O uso dos óculos em todo o reino não se explica de outro modo, senão por uma oftalmia que afligiu a Bernardão, logo no segundo ano do reinado. A doença levou-lhe um olho, e foi aqui que se revelou a vocação poética de Bernardão, porque, tendo-lhe dito um dos seus dois ministros, chamado Alfa, que a perda de um olho o fazia igual a Aníbal, - comparação que o lisonjeou muito, - o segundo ministro, Ômega, deu um passo adiante, e achou-o superior a Homero, que perdera ambos os olhos. Esta cortesia foi uma revelação; e como isto prende com o casamento, vamos ao casamento.

Tratava-se, em verdade, de assegurar a dinastia dos Tanoarius. Não faltavam noivas ao novo rei, mas nenhuma lhe agradou tanto como a moça Estrelada, bela, rica e ilustre. Esta senhora, que cultivava a música e a poesia, era requestada por alguns cavaleiros, e mostrava-se fiel à dinastia decaída. Bernardão ofereceu-lhe as coisas mais suntuosas e raras, e, por outro lado, a família bradava-lhe que uma coroa na cabeça valia mais que uma saudade no coração; que não fizesse a desgraça dos seus, quando o ilustre Bernardão lhe acenasse com o principado; que os tronos não andavam a rodo, e mais isto, e mais aquilo. Estrelada, porém resistia à sedução.

Não resistiu muito tempo, mas também não cedeu tudo. Como entre os seus candidatos preferia secretamente um poeta, declarou que estava pronta a casar, mas seria com quem lhe fizesse o melhor madrigal, em concurso. Bernardão aceitou a cláusula, louco de amor e confiado em si: tinha mais um olho que Homero, e fizera a unidade dos pés e das cabeças.

continua...



# Leitura para todos

O Projeto Leitura para Todos  
foi o vencedor do  
Prêmio VivaLeitura 2007,  
concedido pelos ministérios  
da Educação e da Cultura.

Aqui você vai encontrar importantes  
obras da riquíssima Literatura  
Brasileira. Agora ela está nos ônibus  
de Belo Horizonte e contamos com a  
sua ajuda para conservar este texto.

Autor: Machado de Assis

36

Concorreram ao certame, que foi anônimo e secreto, vinte pessoas. Um dos madrigais foi julgado superior aos outros todos; era justamente o do poeta amado. Bernardão anulou por um decreto o concurso, e mandou abrir outro; mas então, por uma inspiração de insigne maquiavelismo, ordenou que não se empregassem palavras que tivessem menos de trezentos anos de idade. Nenhum dos concorrentes estudara os clássicos: era o meio provável de os vencer.

Não venceu ainda assim porque o poeta amado leu à pressa o que pôde, e o seu madrigal foi outra vez o melhor. Bernardão anulou esse segundo concurso; e, vendo que no madrigal vencedor as locuções antigas davam singular graça aos versos, decretou que só se empregassem as modernas e particularmente as da moda. Terceiro concurso, e terceira vitória do poeta amado.

Bernardão, furioso, abriu-se com os dois ministros, pedindo-lhes um remédio pronto e enérgico, porque, se não ganhasse a mão de Estrelada, mandaria cortar trezentas mil cabeças. Os dois, tendo consultado algum tempo, voltaram com este alvitre:

- Nós, Alfa e Ômega, estamos designados pelos nossos nomes para as coisas que respeitam à linguagem. A nossa idéia é que Vossa Sublimidade mande recolher todos os dicionários e nos encarregue de compor um vocabulário novo que lhe dará a vitória.

Bernardão assim fez, e os dois meteram-se em casa durante três meses, findos os quais depositaram nas augustas mãos a obra acabada, um livro a que chamaram Dicionário de Babel, porque era realmente a confusão das letras. Nenhuma locução se parecia com a do idioma falado, as consoantes trepavam nas consoantes, as vogais diluíam-se nas vogais, palavras de duas sílabas tinham agora sete e oito, e vice-versa, tudo trocado, misturado, nenhuma energia, nenhuma graça, uma língua de cacos e trapos.

- Obrigue Vossa Sublimidade esta língua por um decreto, e está tudo feito.

Bernardão concedeu um abraço e uma pensão a ambos, decretou o vocabulário, e declarou que ia fazer-se o concurso definitivo para obter a mão da bela Estrelada. A confusão passou do dicionário aos espíritos; toda a gente andava atônita. Os farsolas cumprimentavam-se na rua pela novas locuções: diziam, por exemplo, em vez de: Bom dia, como passou? - Pflerrgpxx, rouph, aa? A própria dama, temendo que o poeta amado perdesse afinal a campanha, propôs-lhe que fugissem; ele, porém, respondeu que ia ver primeiro se podia fazer alguma coisa. Deram noventa dias para o novo concurso e recolheram-se vinte madrigais. O melhor deles, apesar da língua bárbara, foi o do poeta amado. Bernardão, alucinado, mandou cortar as mãos aos dois ministros e foi a única vingança. Estrelada era tão admiravelmente bela, que ele não se atreveu a magoá-la, e cedeu.

Desgostoso, encerrou-se oito dias na biblioteca, lendo, passeando ou meditando. Parece que a última coisa que leu foi uma sátira do poeta Garção, e especialmente estes versos, que pareciam feitos de encomenda:

O raro Apeles,  
Rubens e Rafael, inimitáveis  
Não se fizeram pela cor das tintas;  
A mistura elegante os fez eternos.

Taneiro - o que conserta  
ou faz ton é is, tinas, barris,  
pipas e vasilhames  
semelhantes.

Se você quiser opinar sobre  
os textos e o projeto,  
entre em contato conosco:  
(31) 3586-2511  
[www.lettras.ufmg.br/atelaotexto](http://www.lettras.ufmg.br/atelaotexto)  
[telaotexto@gmail.com](mailto:telaotexto@gmail.com)

Patrocínio:



Realização:



Incentivos:



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

Realizado com os benefícios da  
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

## poemasmeus 81132

a trama do ninho em chamas,  
árvore mais discreta do cerrado,  
quase sem ver-se do chão,  
cor de terra despercebida,  
apagadinha na rasteiridão;

lá, nela, entre o fogo lento  
e a lua, que é estrela de espera,  
brotam-se diminutas flores  
saídas da casca dura;

o céu nem percebeu,  
o sol castiga e apura,  
mas é de cada pétala ínfima  
que nasce e brilha  
cada nossa  
espera mútua.

Autor: Moacyr Scliar

38

## De volta ao primeiro beijo

"O primeiro beijo é uma coisa muito falada. Sem dúvida é uma experiência muito marcante, inesquecível. O primeiro beijo é uma maturação, uma descoberta. Ao mesmo tempo, para alguns, ele pode ser um monstro assustador", diz o cineasta Esmir Filho, diretor de "Saliva". O filme conta como Marina, uma garota de 12 anos, é pressionada a dar o seu primeiro beijo no experiente Gustavo. (Folhateen)

TINHA ACABADO de ler a matéria sobre o primeiro beijo, no pequeno apartamento em que morava desde que ficara viúvo, anos antes, quando (coincidência impressionante, concluiria depois) o telefone tocou. Era uma mulher, de voz fraca e rouca, que ele de início não identificou: - Aqui fala a Marília -disse a voz. Deus, a Marília! A sua primeira namorada, a garota que ele beijara (o primeiro beijo de sua vida) décadas antes! De imediato recordou a garota simpática, sorridente, com quem passeava de mãos dadas. Nunca mais a vira, ainda que freqüentemente a recordasse -e agora, ela lhe ligava. Como que adivinhando o pensamento dele, ela explicou: - Estou no hospital, Sérgio. Com uma doença grave... E queria ver você. Pode ser? - Claro -apressou-se ele a dizer- eu vou aí agora mesmo. Anotou rapidamente o endereço, vestiu o casaco, saiu, tomou um táxi. No caminho foi evocando aquele namoro, que infelizmente não durara muito tempo -o pai dela, militar, havia sido transferido para o Norte, com o que perdido o contato -mas que o marcara profundamente. Nunca a esquecera, ainda que depois tivesse beijado várias outras moças, uma das quais se tornara a sua companheira de toda a vida, mãe de seus três filhos, avó de seus cinco netos. E não a esquecera por causa daquele primeiro beijo, tão desajeitado quanto ardente.

Chegando ao hospital foi direto ao quarto. Bateu; uma moça abriu-lhe a porta, e era igual à Marília: sua filha. Ele entrou e ali estava ela, sua primeira namorada. Quase não a reconheceu. Envelhecida, devastada pela doença, ela mal lembrava a garota sorridente que ele conhecera. Consternado, aproximou-se, sentou-se junto ao leito. A filha disse que os deixaria a sós: precisava falar com o médico.

Olharam-se, Sérgio e Marília, ele com lágrimas correndo pelo rosto. - Você sabe por que chamei você aqui? -perguntou ela, com esforço. - Porque nunca esqueci você, Sérgio. E nunca esqueci o nosso primeiro beijo, lembra? Na porta da minha casa, depois do cinema... - Claro que lembro, Marília. Eu também nunca esqueci você... - Pois eu queria, Sérgio... Eu queria muito... Que você me beijasse de novo. Você sabe, os médicos não me deram muito tempo... E eu queria levar comigo esta recordação...

Ele levantou-se, aproximou-se dela, beijou os lábios fanados. E aí, como por milagre, o tempo voltou atrás e de repente eles eram os juvenzinhos de décadas antes, beijando-se à porta da casa dela. Mas a emoção era demais para ele: pediu desculpas, tinha de ir. A filha, parada à porta do quarto, agradeceu-lhe: - Você fez um grande bem à minha mãe. E acrescentou, esperançosa: - Acho que ela agora vai melhorar. Não melhorou. Na semana seguinte, Sérgio viu no jornal o convite para o enterro. Mas, ao contrário do que poderia esperar, apenas sorriu. Tinha descoberto que o primeiro beijo dura para sempre. Ou pelo menos assim queria acreditar.

## O SERMÃO DO DIABO

Nem sempre respondo por papéis velhos: mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de São Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que "a igreja do Diabo imita a igreja de Deus". Daí a semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo:

"1º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos.

"2º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

"3º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.

"4º Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra.

"5º Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves.

"6º Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos.

"7º Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal, por meu respeito.

"8º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.

"9º Vós sois o sal do money market. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar?

"10. Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela.

"11. Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas.

"12. Não acrediteis em sociedades arrebutadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.

"13. Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.

"14. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhades o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.

"15. Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.

"16. Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.

continua...

Autor: Machado de Assis

40

"17. Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas.

"18. Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia.

"19. Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.

"20. Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e donde os ladrões os tiram e levam.

"21. Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.

"22. Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.

"23. Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.

"24. Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dois para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum.

"25. Não tenhais medo às assembléias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vanglória e as assembléias as boas palavras.

"26. As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.

"27. Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas, e perpétuas as contas que se não contam.

"28. Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.

"29. Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.

"30. Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios..."

Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e, ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia.